

Violência e transgressão: uma trajetória da Humanidade

**Francisco de Oliveira, Maria de Fátima
Silva, Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa
(coord.)**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

«MORTE NO NILO»
ANTÍNOO: SACRIFÍCIO, ACIDENTE OU ASSASSÍNIO?
(«Death on the Nile». Antinous: Sacrifice, Accident or Murder?)

NUNO SIMÕES RODRIGUES¹
Universidade de Lisboa

RESUMO: Este ensaio revisita a morte de Antínoo, o favorito do imperador Adriano, que se afogou no Nilo em 130 d.C. Nele, coloca-se a hipótese de a morte do jovem não ter sido consequência de um acidente ou de um acto de magia, como alguns sustentaram, mas sim da política imperialista do Príncipe, que poderá ter visto no seu *eromenos* e nas circunstâncias em que se encontravam, no Egipto no tempo das celebrações de Osíris, uma oportunidade para criar uma divindade com potencial para unir o Império à maneira do culto do Imperador, mas com um carácter místico.

PALAVRAS-CHAVE: Adriano – Antínoo – Sacrifício – Acidente – Homicídio – Mistérios – Egipto Romano – Culto Imperial.

ABSTRACT: This essay revisits the death of Antinous, the favourite of the Emperor Hadrian, who drowned in the Nile in 130 AD. In it, we raise the possibility of the death of the young man having not resulted from an accident or an act of magic, as some sustained, but from the imperialist policy of the Prince, who may have seen in his *eromenos* and in circumstances in which they found themselves (in Egypt at the time of the celebration of Osiris) an opportunity to create a deity with the potential to unite the Empire in the manner of cult of the Emperor, but with a mystic nature.

KEY-WORDS: Hadrian – Antinous – Sacrifice – Accident – Murder – Mysteries – Roman Egypt – Imperial Cult.

EM TORNO DE UM ANTIGO ENREDO POLICIAL

Quando, em 1937, Agatha Christie publicou *Death on the Nile*, a escritora britânica confirmava o seu envolvimento e gosto pela Antiguidade, fazendo convergir no romance a intriga policial, protagonizada pelo célebre Hercule Poirot, com os temas da Arqueologia, da Filologia e da História Antiga, que tão caros lhe eram². Com efeito, em 1930, Agatha Christie casara-se em segundas núpcias com o arqueólogo Max Mallowan, conhecido assiriólogo³, com quem viajou e visitou inúmeros sítios arqueológicos na Europa e no Próximo Oriente. O matrimónio com Mallowan e as viagens que fizeram juntos proporcionaram a Christie o cenário de vários dos seus romances, contos ou

¹ Nuno Simões Rodrigues é Professor da Universidade de Lisboa e tem-se dedicado à História da Cultura Grega e à Política e Sociedade da Roma Antiga.

² Trümpler 2001.

³ Mallowan (1965) publicou, por exemplo, *Early Mesopotamia and Iran*.

até mesmo peças de teatro, como *Murder in Mesopotamia* (1936), *Appointment with Death* (1938), *The Idol House of Astarte* (1932), *Death comes as the End* (1944), *They came to Baghdad* (1951), *Akhnaton* (1937)⁴ e claro *Death on the Nile* (1937), cuja acção se passa a bordo do *steamer* que sobe o Nilo, repleto de passageiros europeus e americanos e que acaba por ser o cenário do homicídio de uma jovem, bela e rica herdeira.

Esse romance ganhou fama e popularidade, tendo sido adaptado ao cinema/televisão por duas vezes (1978 e 2004), com Peter Ustinov (na primeira versão) e David Suchet (na segunda) como Poirot. O êxito foi de tal ordem que acabou por se reflectir também nos estudos de natureza científica sobre diversas épocas do Antigo Egipto. Em 2001, a conhecida editora Brill publicou *Death on the Nile: Disease and the Demography of Roman Egypt*⁵, de Walter Scheidel, e o título escolhido por Karol Mysliwiec para o seu livro de 1998, *Eros on the Nile* e que se centra na problemática religião/sexualidade, ecoa igualmente o romance de Agatha Christie⁶. Em 1997, Anthony R. Birley intitulou o 19º capítulo do seu livro *Hadrian. The restless Emperor* precisamente *Death in the Nile*, sendo aí analisada a viagem que o imperador fez ao Egipto no ano 130 d.C.⁷ Mas é no capítulo do livro de Royston Lambert, *Beloved and God. The Story of Hadrian and Antinous*, de 1984⁸, que o romance de Agatha Christie mais eco parece fazer, pelas conotações e problemas de natureza policial do tema em causa e que o historiador levanta acerca de todo esse processo.

Nascido talvez em Itálica, na província da Bética – Hispânia – e parente do imperador Trajano, por quem foi adoptado⁹, Públio Élio Adriano foi imperador, com o apoio sobretudo do exército, entre 117 e 138 da nossa era. Casado com uma sobrinha-neta de Trajano, Víbia Sabina, entre 120 e 131, Adriano percorreu as províncias imperiais, da Britânia à Grécia e ao Egipto, com o objectivo de consolidar a paz imperial e de garantir a segurança aquém dos *limites* do território¹⁰. O conhecimento que o príncipe tinha das fronteiras imperiais

⁴ Peça de teatro em cuja criação a escritora foi assistida pelo egiptólogo Stephen Glanville.

⁵ Obra integrada nos suplementos Mnemosyne, Bibliotheca Classica Batava, Leiden, Brill, 2001. ⁶ (2004) London, Duckworth.

⁷ (1997) London and New York, Routledge.

⁸ O capítulo é «Death in the Nile, October 130» (pp. 128-142). Note-se na diferença da preposição utilizada, porém, em que podemos salientar a ideia de «sobre o Nilo» por contraste com «no Nilo».

⁹ Adriano era neto de uma tia de Trajano, o que fazia dele primo do imperador em segundo grau.

¹⁰ Adriano conhecia os distúrbios preocupantes que no seu tempo se faziam sentir em regiões do Império como a Mauritânia, a Britânia, a Dácia e a Mésia. Acima de tudo, havia a questão da unidade política, que devia ser mantida para que o Império subsistisse. Para isso, Adriano abdicou do programa de expansão de Trajano, que se concentrava na Arménia, na Assíria e na Mesopotâmia. Sobre esta questão, ver Birley 1997: 113-214.

era, aliás, significativo, o que deverá explicar muitas das decisões políticas que tomou, e.g., a construção da muralha na Britânia.

Por outro lado, Adriano conhecia bem o exército romano e a vida militar, que iniciara aos 15 anos, na Hispânia, e que continuaria depois na Panónia, na Macedónia, na Germânia Superior, na Dácia e na Síria¹¹. Entre 132 e 135, Adriano enfrentou o conflito bélico mais sério do seu principado, a chamada «Revolta de Bar Kokhba», que trouxe à ordem do dia o problema judaico em território palestinese, e que acabou por levar à destruição de Jerusalém, depois da renomeação dessa cidade como Colónia Élia Capitolina, da edificação do templo dedicado a Júpiter, da proibição da circuncisão e da deportação em massa de judeus do seu território natal¹².

Adriano foi ainda o autor de uma série de importantes reformas administrativas, como a substituição dos libertos (que desde o tempo de Cláudio, pelo menos, ocupavam lugares cimeiros na administração do Império) nos quadros da burocracia imperial por indivíduos pertencentes à classe equestre¹³; a reorganização do exército; e o controlo da política fiscal, designadamente ao nível das províncias, onde a corrupção se tinha instalado havia algum tempo¹⁴. Com Adriano nota-se, portanto, uma preocupação em manter a unidade do território imperial e o controlo efectivo das províncias por parte da máquina administrativa do Estado.

Não são poucos os autores que consideram que Adriano terá sido um dos imperadores romanos com mais erudição e «preocupações culturais». Com efeito, este príncipe teria sido um intelectual com especial apreço pela Hélade e pela cultura helénica. Infelizmente, porém, os seus escritos (que incluiriam discursos, cartas e uma autobiografia que terá sugerido a M. Yourcenar o seu *Mémoires d'Hadrien*, de 1951¹⁵) ter-se-ão perdido. A cidade de Atenas, em particular, onde Adriano exerceu o cargo de arconte, foi beneficiada pela política cultural do período adriânico, recebendo do imperador uma biblioteca, um ginásio e um pórtico, e viu a conclusão do templo de Zeus Olímpico, que fora iniciado no tempo de Pisístrato, cerca de sete séculos antes. Recorde-se que, na sua juventude, Adriano fora alcunhado de *Graeculus*, tal era a sua paixão pela cultura grega, o que também se reflectiu no facto de ter sido iniciado nos Mistérios de Eléusis¹⁶. Por outro lado, ele instituiu o conselho de todas as cidades

¹¹ Birley 1997: 113-214.

¹² Sobre Adriano e os Judeus, ver Birley 1997: 259-278.

¹³ Birley 1997: 35-49.

¹⁴ *Id.*, *ibid.*

¹⁵ Mais recentemente, o espanhol M. F. Reina publicou *La coartada de Antínoo* (2005), em que se discutem ao nível da ficção algumas das problemáticas aqui tratadas. De igual modo, o ensaísta R. Mambella publicou *Le memorie di Antinoo. «Disiecta Membra!»* (1999) que, naturalmente evoca a obra-prima de Yourcenar, mas agora sob a perspectiva do favorito imperial.

¹⁶ Birley 1997: 175-188.

gregas, que ficou conhecido como *Panhellenion*. Em Roma, o Príncipe fundou o Ateneu, um espaço destinado ao exercício da retórica através da apresentação de discursos e de «conferências». Várias foram, também, as construções levadas a cabo por ordem de Adriano, mas aquela em que o seu filo-helenismo melhor se evidencia é sem dúvida a celebrizada *uilla* Adriana em Tíbur (Tivoli), na qual se conservavam magníficos exemplares e reminiscências da estética neo-helénica do período imperial, além de uma impressionante planta arquitectónica¹⁷. Por outro lado, há que referir que o filo-helenismo de Adriano justificou-lhe e angariou-lhe considerável oposição política em Roma.

Também ao nível da composição da sua própria figura, Adriano parece reflectir esse gosto helénico. É dos primeiros imperadores, por exemplo, a fazer-se retratar barbado, tal como era moda no mundo grego (ao contrário do estilo romano clássico, que valorizava o rosto masculino imberbe)¹⁸.

Por conseguinte, parece ser também no quadro do comportamento filo-helénico de Adriano que podemos incluir a figura de Antínoo. Apesar das inúmeras representações iconográficas que possuímos do jovem¹⁹, pouco sabemos de concreto acerca dele, a não ser que era natural da Bitínia, da cidade de Claudiópolis ou de Mantínio, próxima da fronteira com a Paflagónia (Ásia Menor)²⁰. Muito provavelmente, o príncipe conheceu-o entre 123 e 124 d.C., quando o jovem teria uns 13 anos de idade. Birley coloca a hipótese de o imperador o ter conhecido numa eventual participação nos jogos da juventude de Heracleia, nesses mesmos anos²¹. Não é inverosímil. Mas é difícil afirmá-lo de forma assertiva. Dado concreto é aquele que dá como factual a presença de Antínoo na corte de Adriano em 130 d.C., durante a viagem ao Egipto.

Com efeito, nesse ano, Adriano viajou até ao país do Nilo na companhia de um grupo de personalidades do seu círculo político e social. Como nota Birley, «the imperial entourage on these journeys was certainly very considerable: apart from the military escort, and various officials – including the Chief Secretary – with their staff, there would be Hadrian's personal household of freedmen and slaves, and a variety of specialists.»²² Nota aliás o mesmo autor que o *Epitome de Caesaribus* refere a presença do *agmen comitantium* (a multidão de companheiros) do príncipe, nas suas viagens provinciais²³. Entre esses que o acompanhavam, seguiam construtores, pedreiros e arquitectos, cuja função era

¹⁷ Ver e.g. Aurigemma 1962; Mambella 1995: 56-86; Mari e Sgalambro 2007.

¹⁸ Henig 1983: 88-90.

¹⁹ Sobre as representações iconográficas, a bibliografia é abundante; ver e.g. Maza 1966; Lambert 1984; Mambella 1995; Birley 1997; Vout 2005.

²⁰ Birley 1997: 158.

²¹ Birley 1997: 158.

²² Birley 1997: 158.

²³ *Epit. Caes.* 14.5; Birley 1997: 158. Sobre alguns dos membros da comitiva, ver Birley 1997: 240.

intervirem em construções e decorações de edifícios ao longo da viagem. Havia também caçadores, chegando-se a sugerir que Antínoo possa ter feito parte deste último grupo no início dos seus contactos com o imperador. A referência ao jovem nos fragmentos do poema de Pâncrates²⁴, cujo assunto gira em torno da caça ao leão, parece vir em apoio desta hipótese²⁵. Mas quanto a isso pouco ou nada podemos provar.

As fontes antigas são unânimes em referirem a beleza do jovem Antínoo e o mais provável é que, no quadro das práticas gregas, o príncipe tivesse assumido o jovem como seu *paidika* (termo que aliás é usado por Díon Cássio ao se referir ao Bitínio²⁶), seu favorito, consumando com ele uma relação de tipo pederástico, tal como era comum em alguns círculos sócio-culturais da Grécia clássica²⁷. A ser assim, Adriano teria passado a ser o *erastes* de Antínoo e este o *eromenos* do imperador.

O objectivo da viagem ao Egipto, além de se relacionar com a inspecção da província e o reconhecimento do território imperial (há que recordar que o Egipto era uma província imperial, o que significa que era governada por um prefeito que pertencia à ordem equestre e não senatorial, tal era a sua importância²⁸), deverá ter sido também o de fundar uma *polis* grega, que passaria a fazer parte do grupo de cidades que em espaço egípcio constituíam modelos gregos de organização, a saber: Náucratis, Alexandria e Ptolemais. Assim, Adriano terá pretendido fortalecer o helenismo romano no Egipto²⁹, o que por sua vez subjazia a uma agenda política mais ampla e que se relacionava com a forma como o príncipe pensava o Império.

A comitiva imperial fez o percurso subindo o Nilo, em direcção ao Sul, começando em Pelúcio e pretendendo terminar em Filas³⁰. É possível que o episódio da caça ao leão celebrado por Pâncrates no seu poema tenha acontecido durante esta viagem³¹.

Em meados de Outubro de 130 d.C., o grupo chegou a Hermópolis Magna, a cidade do Tot egípcio, deus da filosofia e da ciência, da escrita e das artes,

²⁴ Birley 1997: 241.

²⁵ A relação de Antínoo com a caça infere-se a partir do fragmento do poema de Pâncrates, ainda que sobre o mesmo possamos estabelecer algumas conexões tópicas, como as que evidenciam uma relação próxima entre a forma como as personagens são representadas no texto e o mito de Hércules e Hílas, por exemplo. Podemos, portanto, estar a falar de uma referência tipológica. Sobre o poema, ver Birley 1997: 241. Sobre Adriano e o leão, SHA, *VHadr.* 26.3; Athen. *Deip.* 15.677d-f.

²⁶ D.C. 69.11.2.

²⁷ Sobre a pederastia grega no período imperial, ver Lambert 1984: 75-88.

²⁸ Capponi 2011: 18-36; Monson 2012: 249-274.

²⁹ Birley 1997: 237.

³⁰ Sobre o itinerário imperial, ver e.g. Birley 1997: 237-258; Mambella 1995: 25-32; Lambert 1984: 115-127.

³¹ Birley 1997: 241.

mas também da magia e da astrologia. Adriano terá ficado particularmente impressionado com os sacerdotes locais e ter-se-á demorado um pouco mais em Hermópolis³². R. Lambert coloca mesmo a hipótese de Adriano e Antínoo terem ali tomado conhecimento de relatos acerca de famosos imortalizados pelo Egipto, como Petosíris ou Isidora, esta uma jovem de 15 anos que apenas um ano antes se afogara no Nilo, ali perto. Como se acreditava que a vida eterna era a recompensa do rio a todos os que nele morriam, Isidora tornara-se o centro de um culto local, assimilando-se à própria Ísis ou a uma ninfa das águas³³. A relação desta história com o que acabou por acontecer a Antínoo logo no ano seguinte é inegável e dificilmente será uma mera coincidência.

É igualmente provável que, por essa ocasião, se estivesse a celebrar o festival do Nilo e, associado ao mesmo, o aniversário da morte de Osíris³⁴. Este festival assinalava a descida das águas do rio e a renovação da fertilidade depois da cheia, sendo por isso um ritual típico dos cultos de fertilidade, de sazonalidade e da natureza. Ali perto, ficava um antigo templo do tempo de Ramsés II, em que se venerava, além de Tot, os deuses Ré, Hathor, Haracte e Bés³⁵. Este último era uma divindade particularmente associada à protecção contra perigos vários e, por conseguinte, de forte carácter apotropaico. Afirma Lambert que é verosímil que tanto o imperador como o seu favorito tivessem estabelecido uma relação de natureza supersticiosa entre o nome dessa divindade e o facto de Adriano pertencer ao demo ateniense de Besa³⁶. Para aquele autor, portanto, é bem possível que naquele contexto se tivesse criado uma ideia de que o perigo ameaçava Adriano e de que seria importante agir contra essa possibilidade³⁷.

A ideia é atraente mas de difícil comprovação. Eventualmente, demasiado especulativa até. Mas o facto é que, pouco tempo depois, na última semana de Outubro de 130 d.C., Antínoo perdeu a vida naquele lugar, afogando-se nas águas do Nilo.

O QUE DIZEM AS FONTES?

A morte de Antínoo é o facto que por norma justifica a referência ao Bitínio nas fontes literárias antigas. Pouco mais lemos acerca do jovem nos textos e, como refere A. Birley, não fosse a reacção particularmente intensa do imperador à morte do seu favorito e talvez nem sequer tivéssemos qualquer

³² Sobre a estada em Hermópolis, ver Lambert 1984: 126-127.

³³ Sobre esta questão, ver Lambert 1984: 126-127; Eitrem 1937.

³⁴ Cf. Plut. *Is. Os.* 356c.

³⁵ O culto de Bés estaria de tal modo implantado no lugar que muitos autores pensaram que o lugar se chamaria precisamente «Bés» ou «Besa». Ver Lambert 1984: 127.

³⁶ Adriano era cidadão honorário de Atenas desde 110 d.C. Ver Lambert 1984: 127.

³⁷ Lambert 1984: 127.

notícia acerca do jovem³⁸. Ainda assim, conhecem-se pelo menos trinta autores antigos que se referiram a Antínoo, a par de cerca de 115 esculturas que o representam, além de pinturas, moedas e gemas³⁹. Com efeito, a cultura material deixou-nos um número assinalável de testemunhos, que traduzem a importância que Antínoo veio de facto a ter não apenas na vida privada do imperador mas sobretudo na vida pública do Império⁴⁰.

Alguns textos confirmam a abundância de representações artísticas de Antínoo. Pausânias é um desses casos:

«[Os Mantineus] aceitaram Antínoo como deus. O seu santuário é o mais recente em Mantinea. O imperador Adriano gostava muito dele; pessoalmente, nunca o vi enquanto vivo, mas já vi as suas estátuas e pinturas. Ele recebe honras formais por todo o lado, assim como em Mantinea, e há mesmo uma cidade no Egipto, junto ao Nilo, com o nome de Antínoo. Em Mantinea, ele recebe honras do seguinte modo: Antínoo nasceu em Bitínia, acima do rio Sângario, e os Bitínios têm como antepassados os Árcadios, e mais concretamente os Mantineus. Assim, o rei instituiu um culto a ele também em Mantinea, fazendo-se-lhe sacrifícios anuais e celebrando-se jogos em sua honra todos os quatro anos. Na palestra de Mantinea, há uma casa com estátuas de Antínoo, que vale a pena ver, pela pedra de que são feitas mas também pelas pinturas que, além das estátuas, representam Antínoo como Dioniso.»⁴¹

Mas, como assinalámos, apesar de em número considerável, as fontes literárias são bastante lacónicas no que diz respeito ao testemunho «antinooniano», inclusive no que diz respeito à morte do jovem favorito imperial. Das três dezenas mencionadas, apenas três são mais explícitas relativamente a esse facto. Assim, Díon Cássio começa por se preocupar em referir que Adriano «reconstruiu a cidade que a partir de então passou a ter o nome de Antínoo», referindo depois que «Antínoo era de Bitínia, uma cidade da Bitínia, também conhecida como Claudiópolis». O historiador nota ainda que Antínoo:

«fora um favorito do imperador que morreu no Egipto, ou por ter caído ao Nilo, tal como Adriano escreve, ou, o que corresponde à verdade, por ter sido oferecido em sacrifício. Na verdade, Adriano... andava sempre interessado em adivinhações e encantamentos de todo o tipo. Como tal, Adriano honrou Antínoo, quer pelo amor que lhe tinha quer pelo facto de o jovem ter decidido morrer de forma voluntária (pois, para que os objectivos de Adriano se cumprissem, era necessário que uma vida fosse entregue de livre-vontade), construindo uma

³⁸ Birley 1997: 248; cf. SHA, *VHad.* 14.5.

³⁹ Lambert 1984: 130, 137.

⁴⁰ Ver e.g. Maza 1966; Mambella 1995; Vout 2005.

⁴¹ Paus. 8.9.7-8.

cidade no lugar em que ele cumpriu o seu destino e dando-lhe o nome do jovem; de igual modo, Adriano ergueu estátuas, ou antes imagens sagradas, do rapaz em praticamente todo o lado. Por fim, ele declarou ter visto uma estrela que ele considerou ser a de Antínoo e de bom grado deu ouvidos às historietas contadas pelos que lhe estavam próximos, considerando que a estrela tinha de facto surgido do espírito de Antínoo e como tal aparecido então pela primeira vez. Por este relato, Adriano acabou por ser ridicularizado, até porque não tinha prestado nenhuma honra fúnebre à irmã Paulina quando ela morreu.»⁴²

E é tudo o que Díon Cássio tem a dizer acerca de Antínoo. O escritor da *História Augusta* é ainda mais contido, referindo apenas que:

«Ao seu querido Antínoo perdeu-o enquanto navegava pelo Nilo, e chorou-o como faria uma mulher. De facto, há diferentes versões: uns asseveram que ele se sacrificou por Adriano; outros o que a beleza dele e a volúpia de Adriano mostra. A verdade é que os Gregos o divinizaram com a anuência de Adriano, afirmando que por ele foram proferidos oráculos, os quais, diz-se, teria sido o próprio Adriano a compor.»⁴³

Aurélio Victor, autor do século IV que provavelmente baseou as suas reflexões sobre Adriano na mesma fonte do escritor da *História Augusta*⁴⁴, não é muito mais expansivo do que os seus pares:

«Em consequência da devoção que Adriano tinha ao luxo e à luxúria, levantaram-se rumores hostis acerca da sua devassidão para com jovens adultos e da sua paixão ardente pelo seu famoso servo Antínoo; aliás, ele foi a razão pela qual se fundou uma cidade com o nome de Antínoo ou por que Adriano erigiu estátuas do efebo. Com efeito, alguns alegam que isso foi feito por piedade ou religião, uma vez que Adriano pretendia estender o seu tempo de vida; quando os magos pediram um voluntário para o substituir, todos recusaram, à excepção de Antínoo que se ofereceu; daí as honras que lhe foram dedicadas. De qualquer modo, deixamos a questão por resolver, ainda que no caso de uma personalidade benevolente consideremos a associação entre pessoas de idades díspares como algo suspeito.»⁴⁵

Assim, apesar de pouco ricas, consideramos que as informações literárias de que dispomos, quando contextualizadas no tempo a que dizem respeito – quadro político e sócio-religioso, sobretudo – são ainda assim significativas e permitem-nos reflexões importantes.

⁴² D.C. 69.11.

⁴³ SHA, *VHad.* 14.5-7, trad. J. L. Brandão.

⁴⁴ Sobre essa questão, ver Birley 1997: 248.

⁴⁵ *Vic. Caes.* 14.5-7.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE UMA MORTE MISTERIOSA

O estudo publicado por R. Lambert em 1984 foi, de certo modo, exaustivo no tipo de análise que propôs para a problemática de Antínoo, no quadro do principado de Adriano⁴⁶. Há, contudo, uma ou outra reflexão que gostaríamos de acrescentar.

De facto, Lambert enumerou e analisou *pari passu* as várias referências conhecidas ao caso, avançando com hipóteses a que associou argumentos a favor e contra cada uma delas. Do seu trabalho, resultou a conclusão de ser praticamente impossível, com o material de que dispomos, afirmar de forma assertiva o que teria estado por detrás da morte de Antínoo, sendo que nos parece aceitável que o jovem tenha morrido afogado no rio Nilo pouco antes do dia 30 de Outubro do ano 130 d.C. Como nota Lambert, «Antinou's death must always remain a mystery, and the faint possibility that it was an accident after all can never be completely obliterated. It must have been as much a mystery at the time.»⁴⁷

Ainda assim, de forma pertinente, o autor considera verosímil a hipótese de Antínoo ter oferecido de forma voluntária a sua vida em sacrifício pelo imperador e pelo império, ao mesmo tempo que rejeita por completo as teses de conspiração cortesã (em especial uma eventual conspiração fomentada pela imperatriz Sabina), de castração (com o objectivo de perpetuar a juventude do Bitínio) e de utilização do jovem num ritual de *extispicium* (ou observação das entranhas com objectivos mânticos; ainda que esta ideia seja reforçada pelo uso do termo *hierourgetheis* por Dión Cássio 69.11.2)⁴⁸. Naturalmente, a hipótese de acidente não pode ser totalmente descartada. Mas os testemunhos que nos chegaram, apesar de pouco explícitos ou assertivos, são ainda assim suficientemente pertinentes para pensarmos que um «mero acidente» não deverá ter sido a causa da morte de Antínoo.

Por conseguinte, Lambert valoriza uma série de elementos que também nos parecem dever ser levados em conta, visto que, numa perspectiva de conjunto, eles permitem-nos concluir que o fim da vida de Antínoo dificilmente terá sido consequência de uma peripécia.

Em primeiro lugar, há que ter em atenção que a morte do favorito imperial terá ocorrido durante os festivais do Nilo, coincidindo com as celebrações em honra do Osíris afogado (os Gregos celebravam-na a 24 de Outubro⁴⁹). As posteriores associações de Antínoo ao deus egípcio confirmam que a proximidade entre ambas as narrativas não pode ser uma simples coincidência⁵⁰.

⁴⁶ Antes dele, Maza 1966.

⁴⁷ Lambert 1984: 142.

⁴⁸ Lambert 1984: 128-142.

⁴⁹ Lambert 1984: 129; cf. Plu. *Is. Os.*, *passim*.

⁵⁰ Antínoo sera igualmente associado a Dioniso e a Hermes, Lambert 1984: 139.

Outro aspecto salientado por Lambert é o da semelhança entre a história de Antínoo e os mitos de Narciso e Hílas, ambos jovens amados por homens mais velhos, que acabaram afogados. Tal como acontece com Narciso, também o nome de Antínoo acabou por ser associado ao de uma flor, mais concretamente à coroa de lódão rosado que se tornou atributo dos afogados e conhecida como *Antinoeios*⁵¹. Este elemento parece também contribuir para a rejeição da ideia de morte acidental. Neste sentido, há ainda a recordar outra narrativa patrimonial dos Gregos que em muito se assemelha à da morte de Antínoo. Trata-se da descrição da morte de Heitor, um jovem favorito de Alexandre-o-Grande, que, segundo o testemunho de Quinto Cúrcio, se teria afogado precisamente no Nilo, em 332-331 a.C., e talvez por intervenção do próprio Alexandre⁵².

Esta referência leva a um terceiro argumento, que se relaciona com a prática e crença local, egípcia, de sacrificar vidas humanas ao Nilo para que este proporcionasse abundância de felicidade⁵³. O caso de Isidora, já referido, ganha aqui novo significado⁵⁴. Muito certamente, Adriano e a sua corte estariam a par de tais convicções. A este factor, há que juntar as referências a imperadores, entre eles Elagábalo (218-222 d.C.), que, imbuídos de superstição, teriam sacrificado seres humanos com vista a obter os favores dos deuses⁵⁵. Outra ideia a considerar ainda, neste domínio religioso, é a que dizia respeito à morte de um indivíduo em substituição de outro ou com vista ao prolongamento da vida de terceiros. Tratar-se-ia, portanto, de algo muito semelhante ao que reconhecemos no mito de Alceste, tal como Eurípides o narrou, mas já presente em textos mais antigos, como o do mito mesopotâmico de Inana e Dumuzi.⁵⁶ Este contexto também não deve ser negligenciado.

O conjunto formado por estes elementos não é decerto um acidente e deve ser levado em conta. Na verdade, tudo ponderado, parece estarmos perante um plano friamente calculado com objectivos bem definidos, em que o imperador poderá ter aceiteado de forma explícita ou tácita o sacrifício de Antínoo em prol de um objectivo político. Será?

Há pois que salientar esse mesmo objectivo. Vários estudos têm referido a necessidade, sentida por Adriano e seus conselheiros, de «refundação» do helenismo em ambiente egípcio. Essa intervenção dever-se-ia sobretudo a dois factores: em primeiro lugar, o facto de, no Egipto, o culto imperial ter desde

⁵¹ Lambert 1984: 129.

⁵² Curt. 4.8.7-9; 6.9.27. Ogden 2011: 171-173; este autor, porém, uma vez que a insinuação do envolvimento de Alexandre na morte do favorito Heitor é feita pelo imperador Juliano já no século IV d.C., considera de forma pertinente que talvez tenha sido o episódio de Antínoo a inspirar a referência e não o oposto.

⁵³ Lambert 1984: 132.

⁵⁴ O próprio nome da personagem não deve ser fruto do acaso. Sobre Isidora, ver nota 32.

⁵⁵ SHA, *Elag.* 8.1-2; D.C. 74.16.5, 80.11.3.

⁵⁶ Outros exemplos deste tipo em Lambert 1984: 134-135.

sempre sido de difícil implantação⁵⁷ – por razões de vária ordem, das quais destacamos as especificidades e idiosincrasias locais da religiosidade egípcia – o que acarretava problemas sérios na administração do território, uma vez que o Egito não só era uma província imperial (e por conseguinte com características administrativas especiais) como se abria uma brecha na política de unidade que se pretendia para o Império e de que Adriano é de facto um dos melhores representantes. A fundação de uma cidade com um herói epónimo jovem e belo – por ela oferecido em sacrifício – a justificá-la seria portanto um excelente pretexto de reordenação do sistema político imperial, assente em princípios que, ao gosto de Adriano, evocavam o universo helénico.

Em segundo lugar, o facto de, no século II, as religiões orientais estarem em franca expansão pelo território imperial, em especial, entre elas, as religiões místicas, sotéricas ou salvíficas, de que o cristianismo é o exemplo mais significativo. No caso desta religião, o facto de existir um monoteísmo exclusivista herdado do judaísmo (a que Adriano, aliás, mostrou oposição) levou a conflitos directos com a ordem romana, através, por exemplo, da rejeição do culto imperial, pondo uma vez mais em causa a ordem e unidade que se pretendia. Talvez não seja por isso de estranhar que em autores cristãos, como Orígenes, surja a necessidade de se rebater a ideia defendida pelos apologetas anti-cristãos (e.g. Celso) de que Antínoo era mais um exemplo de deus cuja «biografia» e prática cultural se revelavam semelhantes e próximas às de Jesus Cristo. E antes de Orígenes, já Tertuliano lhe tinha chamado *publicum scortum* e comparado a prostitutas e magos⁵⁸. Outros chamar-lhe-ão o «Ganimedes de Adriano»⁵⁹. A quantidade de referências que podemos encontrar nos autores da patrística sugere o incómodo que o culto provocava entre os cristãos, talvez pelas semelhanças que nele reconheciam com o cristianismo emergente. Daí a necessidade em denegrir o «mito» e o culto de Antínoo⁶⁰. Mas diz Orígenes:

«[Celso] fala então do delicado Antínoo – refiro-me ao adolescente Antínoo – e das honras que lhe são prestadas na cidade do Egito chamada Antinoópolis, e acha que elas em nada diferem do nosso culto a Jesus. Pois bem! Vamos

⁵⁷ Aliás, a província nunca foi plenamente romanizada, em parte devido a uma aliança entre Gregos e Egípcios (nativos) contra a administração romana. Há imensa bibliografia sobre esta problemática. Ver e.g. Capponi 2011: 18-36; Monson 2012: 249-274.

⁵⁸ Tert. *Apol.* 13.9. Referências na patrística a Antínoo, quase sempre com o mesmo sentido, também em Tert. *Adu. Marcionem* 1.18; *De cor.* 13.42; *Eus. HE* 4.8.

⁵⁹ Clem. Alex. *Protreptico* 3.44.4; 4.38-39; 4.49.3; Tert. *Ad nat.* 2.10; Prud. *Contra Symm.* 1.271; Just. Mart. *Apol.* 1.29; Athenag. *Apol.* 34; *Contra gent.* 1.9; Hier. *Inter. Chr. Eus.* 224, 227; *Ad Iou.* 2.7; *De uir.* 22; *Coment. Is.* 2. É interessante comparar estas referências com o texto hieroglífico que se pode ler no chamado «Obelisco de Antínoo», localizado na colina de Píncio, em Roma, e no qual o Bitíno é associado a Osiris. Ver Renberg 2010.

⁶⁰ Ver Mambella 1995: 38-43

refutar esta objecção ditada pelo ódio. Que relação pode haver entre Jesus que veneramos e a vida do delicado Adriano, que nem soube guardar a sua virilidade de uma sedução feminina mórbida?»⁶¹

E as reflexões de Orígenes continuam nesta linha, enquadradas com outras personagens semelhantes, de que destacamos Asclépio. Com efeito, há que notar que o culto de Antínoo passou a implicar ideias de terapia somática – Antínoo tornou-se um deus curandeiro, o deus que morreu para garantir o prolongamento da vida de outrem⁶² –, de juventude e beleza física – Antínoo é o efebo divino –, mas sobretudo de vencedor da morte, o que lhe conferia a necessária popularidade sotérica e identidade mistérica, tal como o de Osíris ou o de Dioniso, por exemplo⁶³.

De qualquer modo, quer um quer o outro factor dependem do ambiente religioso da época, naturalmente próximo da ordem política, justificando uma verosímil morte intencional do jovem Antínoo⁶⁴. De referir ainda que esta ideia não é incompatível com a de que o próprio poderá ter aceiteado voluntariamente tal destino, pois essa hipótese encaixa na perfeição no mesmo ambiente religioso da época⁶⁵.

A forma como a apoteose de Antínoo se fez a seguir à sua morte e como a veneração do jovem divinizado se expandiu por todo o Império, como aliás mostram os vestígios do mesmo, disseminados do Norte de África ao Norte da Europa e da Ásia Menor à Península Ibérica, parece vir em defesa da ideia de que a criação de um novo culto, tão próximo do imperador (divino) quanto enquadrado nas antigas tradições orientais do deus que morre e renasce e provê a salvação dos que nele crêem, foi politicamente providencial⁶⁶. O culto de Antínoo afirmou-se, sobretudo, como uma prática religiosa intimamente relacionada com Adriano, revelando-se enquanto tal como uma alternativa de todo aceitável ao culto do próprio imperador, com especial ressonância nas partes orientais do Império, como a Grécia, a Síria-Palestina e o Egipto, pela sua identificação com as práticas, crenças e mitos locais e ancestrais. Nada

⁶¹ Orig. *Cels.* 3.36-38.

⁶² Lambert 1984: 136. A ideia instalou-se, ainda que possa não ter sido assim ou esse o objectivo original do eventual acto de sacrifício/homicídio.

⁶³ Lambert 1984: 181.

⁶⁴ Lambert 1984: 128-142 defende ainda a ideia de que o tempo teria exercido a sua tirania sobre Antínoo e posto em causa a manutenção do jovem como *eromenos* do imperador. Não nos parece uma ideia absurda, todavia menos significativa no peso político que todo o processo da morte do favorito imperial poderá reflectir.

⁶⁵ Cf. ideia do sacrifício voluntário ou martírio defendida por Lambert 1984: 141; ver ainda Walton 1957.

⁶⁶ Sobre a apoteose de Antínoo e a prática cultural que então se difundiu, ver Maza 1966; Lambert 1984: 143-154, 177-197, 224-243; Mambella 1995.

melhor para a tão desejada mas de difícil concretização unidade imperial. Eis mais um sintoma da inteligência política de Adriano.

Assim, se a nossa for uma hipótese razoável, a morte de Antínoo não passou de mais uma etapa no programa político do imperador, que viu na viagem ao Egito, quer pelo espaço quer pelo tempo (a época do ano), a oportunidade de ouro para aplicar mais uma medida com vista à concretização da sua ideia de Império. Independentemente da eventual anuência do jovem bitínio em participar do processo (por razões que poderiam ir do altruísmo à identificação com figuras do secular património mitológico dos Antigos), será pois ocasião para perguntar se a morte de Antínoo não acabou por ser um homicídio com vista à obtenção da apoteose da vítima, o que, por outro lado, resvala mesmo a ideia e o conceito de deicídio.

BIBLIOGRAFIA:

- S. Aurigemma (1962), *Villa Adriana*. Roma: Istituto Poligrafico dello Stato.
- H. I. Bell (1940), «Antinoopolis: A Hadrianic Foundation in Egypt», *JRS* 30/2: 133-147.
- A. Birley (1997), *Hadrian. The restless Emperor*. London and New York: Routledge.
- L. Capponi (2011), *Roman Egypt*. London: Bristol Classical Press.
- S. Eitrem (1937), «Zwei Grabgedichte auf Isidora aus Hermopolis», *Arch. Religionswiss.* 34: 313-322
- J. Frel (1973), «In the shadow of Antinous», *Metropolitan Museum Journal* 7: 127-130.
- J. C. Grenier (1986), «La tombe d'Antinous à Rome. L'emplacement de la tombe d'Antinous d'après les textes de l'obélisque Barberini», *MEFRA* 98: 217-229.
- M. Henig (ed.) (1983), *A Handbook of Roman Art. A Survey of the Visual Arts of the Roman World*. London: Phaidon Press.
- R. Lambert (1984), *Beloved and God: The Story of Hadrian and Antinous*. London: Phoenix.
- R. Mambella (1995), *Antinoo. L'ultimo mito della antichità nella storia e nell'arte*. Milano: Editrice Nuovi Autori.
- Z. Mari, S. Sgalambro (2007), «The Antinoeion of Hadrian's Villa: Interpretation and Architectural Reconstruction», *AJA* 111/1: 83-104.
- F. de la Maza (1966), *Antinoo: el ultimo dios del mundo clasico*. México: Instituto de Investigaciones Esteticas, Universidad Nacional Autonoma de Mexico.
- A. Monson (2012), *From the Ptolemies to the Romans. Political and Economic Change in Egypt*. Cambridge: University Press.
- D. Ogden (2011), *Alexander the Great: Myth, Genesis and Sexuality*. Exeter: University of Exeter Press.
- G. H. Renberg (2010), «Hadrian and the Oracles of Antinous (SHA, *Hadr.* 14.7); with an appendix on the so-called *Antinoeion* at Hadrian's Villa and Rome's Monte Pincio Obelisk», *Memoirs of the American Academy in Rome* 55, 159-198.
- C. Trümpler (ed.) (2001), *Agatha Christie and Archaeology*. London: The British Museum Press.
- C. Vout (2005), «Antinous, Archaeology and History», *JRS* 95: 80-96.
- F. R. Walton (1957), «Religious Thought in the Age of Hadrian», *Numen* 4/3: 165-170.

<http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=1505733021781371>